

## O PATRIMÔNIO CULTURAL EM ÁREAS CENTRAIS REVITALIZADAS: O CASO DO CINE BRASIL EM BELO HORIZONTE

### CULTURAL HERITAGE IN REVITALIZED CENTRAL AREAS: THE CASE OF CINE BRASIL IN BELO HORIZONTE

Renata de Leorne Salles\*

#### RESUMO

A preservação do patrimônio cultural no Brasil ganhou maior relevância a partir das últimas décadas do século XX, quando novas políticas públicas culturais começaram a surgir na tentativa de recuperar prédios históricos desativados ou subutilizados, atribuindo-lhes novas funções. Essas edificações, muitas vezes localizadas em áreas urbanas centrais, entram em cena como elementos integrantes de projetos de revitalização visando contribuir com a recuperação socioeconômica dessas localidades, na visão do poder público. Dessa maneira, pesquisou-se a reabertura de um antigo cinema de rua, conhecido popularmente como Cine Brasil, que funciona hoje como um equipamento cultural. A partir das representações contemporâneas, analisou-se os efeitos acarretados no espaço público revitalizado do Centro de Belo Horizonte, onde o prédio se situa. Os resultados indicam que a frequência noturna, pontual e esporádica de um público mais abastado, não alterou as dinâmicas (populares) cotidianas já consolidadas na região.

**Palavras-chave:** Patrimônio cultural. Áreas centrais. Revitalização.

#### ABSTRACT

The preservation of cultural heritage in Brazil has gained greater relevance from the last decades of the TWENTIETH century, when new cultural public policies began to emerge in an attempt to recover deactivated or underutilized historical buildings, assigning them new functions. These buildings, often located in central urban areas, enter the scene as elements of revitalization projects, aiming to contribute to the socio-economic recovery of these localities, in the vision of the public power. In this way, we researched the reopening of an old Street cinema, popularly known as Cine Brasil, which works today as a multipurpose cultural equipment. From the contemporary representations, we analyzed the effects caused in the revitalized public space of the center of Belo Horizonte, where the building is located. The results indicate that the nocturnal, punctual and sporadic frequency of a wealthier public has not altered the daily (popular) dynamics already consolidated in the region.

**Keywords:** Cultural heritage. Central areas. Revitalization.

---

\* Arquiteta e Urbanista, Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
E-mail: reresalles@hotmail.com.

A partir de meados do século XX, os modelos dominantes de planejamento urbano das grandes cidades, em termos mundiais, começaram a ser questionados devido aos problemas acarretados pelo funcionalismo moderno e pela lógica capitalista. A expansão das áreas metropolitanas, que refletiu tanto nas estruturas urbanas como nas estruturas de classe, promoveu a decadência e a degradação físico-espacial de diversas zonas das cidades, incluindo os centros históricos ou tradicionais.

Diante desse cenário, e principalmente após os anos 1990, a preservação do patrimônio cultural ganhou maior relevância no Brasil, no contexto do planejamento urbano contemporâneo. Assim, novas políticas públicas culturais começaram a surgir na tentativa de recuperar imóveis desativados ou subutilizados em centros urbanos deteriorados, atribuindo-lhes novas funções a partir de ações integradas a processos de intervenções mais abrangentes (BIDOU-ZACHARIANSEN, 2006; LEITE, 2010). O poder público parte do pressuposto de que o resgate do valor simbólico desses prédios seria capaz de contribuir com a recuperação socioeconômica de localidades fisicamente degradadas e/ou estigmatizadas por parcela da população. A proposição de novos usos teria, portanto, a capacidade de atrair pessoas de maior poder aquisitivo, recuperando o valor do patrimônio na contemporaneidade. Novos negócios e serviços seriam fomentados para atender tais camadas da população e, com isso, a representação social negativa existente em torno dessas áreas centrais poderia ser eliminada, (re)criando o espaço público através da dimensão cultural.

O investimento privado, dessa forma, tornou-se recorrente em muitas políticas culturais com a justificativa de que o poder público seria incapaz de financiar, utilizando recursos próprios, ações de revitalização capazes de reverter quadros de territórios degradados socioeconomicamente (CORTE-REAL, 2015). Mas nota-se que o capital privado vem sendo uma estratégia geral do planejamento urbano desde as últimas décadas, seja para aumentar a atratividade desses locais ou para promover as cidades – em um contexto mais amplo (e mercadológico) –, muitas vezes através da apropriação do patrimônio cultural renovado ou da implementação de novas instituições do setor.

Entretanto, muitas parcerias público-privadas começaram a gerar intervenções artificializadas e de caráter higienista em centros tradicionais, mesmo diante da promoção de discursos para a retomada do espaço público heterogêneo (JAYME; TREVISAN, 2012). Nesses casos, a valorização simbólica e estética da paisagem urbana tornou-se o

foco da narrativa de reconstrução do patrimônio cultural. Usos e usuários vão sendo, assim, alterados, gerando processos de exclusão social concomitantemente à possibilidade de novas formas de apropriação do espaço por um público recém-chegado, e de maior poder aquisitivo, gerando conflitos e disputas territoriais.

Sendo assim, procurou-se demonstrar neste artigo os efeitos da reinauguração de um antigo e luxuoso cinema de rua situado no centro tradicional de Belo Horizonte, conhecido popularmente como Cine Brasil. A partir da proposição de um novo uso para o local, o Cine Theatro Brasil Vallourec, fruto de uma parceria público-privada entre o poder municipal e a empresa Vallourec & Mannesmann (antiga V&M do Brasil, atual Vallourec), foi investigado através do levantamento e análise das percepções e representações dos diversos atores contemporâneos, tanto da cena cotidiana do entorno do prédio – comerciantes, ambulantes, transeuntes – quanto de seus usuários, e de como o espaço público está sendo apropriado. Pretendeu-se, dessa maneira, compreender os desdobramentos socioespaciais desse novo espaço cultural na região central da cidade.

Para capturar o imaginário local, foram realizadas observações *in loco* e diversas entrevistas a fim de identificar as dinâmicas sociais presentes no espaço público, além do uso que se estabelece no equipamento cultural. Considerou-se, também, as diversas atividades oferecidas pela casa através do acompanhamento da programação oferecida e dos preços praticados, e relativamente altos de modo geral, o que poderia indicar a existência de um público-alvo apto ao consumo dessa oferta cultural, o que contraporaria com o discurso institucional adotado, que é o de um espaço democrático, que abrange todo tipo de público.

As devidas conexões realizadas nos darão suporte para compreender como a nova proposta de uso para o prédio está sendo (ou não) capaz de transformar as dinâmicas sociais da região – devido à possibilidade de atrair um novo público para o local –, ou seja, se novas formas de ocupação vem se desenvolvendo no espaço público do entorno do Cine e se existe distinção entre os usuários que pagam para assistir aos espetáculos dos finais de semana e aqueles que consomem a programação gratuita ofertada semanalmente.

O artigo está estruturado em quatro partes. A primeira discorre sobre a trajetória do Cine Brasil e sua relevância histórica para uma parcela da população, composta pelos estratos médios e altos nas primeiras décadas e que, pouco a pouco, deixou o Centro em

função do surgimento de novas centralidades e concomitantemente à sua popularização. A partir daí o prédio passou por um gradativo processo de abandono, em consonância com a deterioração socioambiental da área central, e fechou em 1999. Foi comprado por uma nova empresa em 2006, restaurado e reativado em 2013 como um espaço cultural. Na segunda parte são abordadas as revitalizações do Programa Centro Vivo na região da Praça Sete, onde se situa o Cine e cujas ações visavam resgatar o espaço público como local de encontro e permanência. A terceira parte contempla a descrição do espaço público do entorno do prédio, além de duas situações relacionadas à programação noturna, paga e gratuita, que foram acompanhadas para uma análise mais aprofundada, possibilitando identificar o público e suas percepções nas distintas ocasiões, para, então, chegarmos aos apontamentos finais sobre o problema levantado.

## **O Cine Brasil**

O antigo Cine Theatro Brasil, inaugurado em 1932, foi um dos mais importantes e luxuosos cinemas de rua de sua época. O prédio se localiza no entorno da Praça Sete, no cruzamento de duas das principais vias da cidade – avenidas Afonso Pena e Amazonas –, região considerada até hoje uma importante centralidade em termos metropolitanos e que vem sendo palco de uma série de intervenções urbanas desde os anos 1980 para sua recuperação socioeconômica<sup>2</sup>.

O local se conformou como ponto de encontro das camadas médias e altas de Belo Horizonte, assim como a própria área central, nas primeiras décadas do século XX, cujas diversas sociabilidades desenvolvidas se atrelavam às salas de cinema, aos teatros, aos bares e aos cafés que conformavam tal paisagem urbana (LEMOS, 2010). A vida cultural foi, portanto, uma das características mais marcantes na construção de práticas sociais elitizadas no Centro da cidade (RABÊLO, 2013).

Com a expansão da cidade no decorrer dos anos, novas centralidades surgiram e mudanças significativas transformaram não só a paisagem urbana como, também, os espaços sociais do centro tradicional. A forma de ocupar o espaço público foi se alterando

---

<sup>2</sup> Entre 1980 e 2003, a Prefeitura de Belo Horizonte lançou diversas iniciativas no âmbito do planejamento urbano contemporâneo – muitas não concretizadas e retomadas décadas mais tarde – visando solucionar problemas relacionados ao transporte e ao tráfego de veículos, vinculados à melhoria das condições de circulação dos pedestres e da qualidade ambiental da área central. (SOUZA; CARNEIRO, 2003)

assim como as formas de sociabilidades ali estabelecidas. O processo de degradação e relativo abandono do Centro, por parte do poder público, promoveu o esvaziamento (não estrutural) de alguns imóveis e a redução do uso residencial na região, o que afetou a dimensão pública da área como um espaço de interação social inter-classes. Alguns estigmas foram sendo criados por uma parcela da população e a região passou a ser considerada perigosa e marginalizada.

A partir de 1970, e em decorrência desse cenário, o Cine Brasil foi adaptado e convertido apenas para receber sessões de cinema, uso que se estendeu até o seu fechamento, em 1999, quando o uso popular já era predominante na região e conformava o público do local. Podemos dizer, ainda, que a decadência do equipamento cultural foi impulsionada pelo surgimento das salas de cinema dos *shopping centers*, nos anos 1980/90.

O imóvel permaneceu fechado até 2006, ano em que foi comprado pela empresa V&M do Brasil, por intermédio da Prefeitura, para sua restauração e resgate de seu uso público. O Centro, à época, passava por diversas ações de requalificação urbana e, portanto, o poder público foi peça-chave na viabilização do negócio, pois acreditava no potencial do patrimônio cultural para a recuperação socioeconômica da região central, em especial da Praça Sete, mostrando-se sempre atuante através de inúmeras tentativas de acordos, desde o fim do século XX, para evitar que o prédio fosse demolido ou transformado em casa de bingo ou igreja evangélica, como ocorrera com outros cinemas de rua.

Em 2013, o prédio foi reinaugurado com a proposta de um novo uso para o espaço, consistindo em uma estratégia do poder municipal, em parceria com o capital privado, para contribuir com a transformação do centro tradicional de Belo Horizonte, resgatando seu valor simbólico para fomentar a ocupação do espaço público e promover novas práticas sociais (JAYME; TREVISAN, 2012).

Hoje a programação habitual do novo equipamento cultural é composta por apresentações musicais, espetáculos de dança, teatro, exposições, mostras de cinema, eventos diversos (debates, congressos etc.) e visitas guiadas para quem deseja conhecer o edifício e sua história. O teatro principal recebe os espetáculos de grande porte – até mil pessoas –; o teatro de câmara comporta mostras de cinema e eventos de menor porte – até 200 pessoas –; duas galerias nos andares superiores abrigam exposições

temporárias e gratuitas além de eventos diversos (durante a pesquisa não houve nenhum tipo de uso nesses espaços); e um grande salão, no último piso, é utilizado para festas e recepções. Além disso, uma varanda externa é utilizada semanalmente para shows musicais e gratuitos. Todos esses espaços são passíveis de aluguel, seja para a realização de atrações culturais, corporativas ou particulares.

### **Revitalizações na área central e a recuperação do patrimônio cultural**

Nos anos 2000 começaram a surgir propostas para promover transformações locais e pontuais no Centro de Belo Horizonte, como o projeto de requalificação da Praça Sete (2003), em detrimento de grandes intervenções. Várias parcerias foram estabelecidas para garantir maior integração entre as demandas apontadas e, assim, diversos atores foram envolvidos na elaboração das propostas. Além do poder público municipal, participaram também representantes da sociedade civil dos setores de cultura, transporte, patrimônio e urbanismo.

A partir de 2003, alguns projetos não implementados foram retomados e executados. A capital mineira continuou sendo palco de inúmeras transformações com destaque para o Plano de Reabilitação de Áreas Urbanas Centrais do Governo Federal<sup>3</sup> (2003); o Programa de Requalificação Centro Vivo da PBH (2004) – que faz parte da ação anterior e o qual daremos destaque pois o novo Cine Brasil é contemporâneo a este –; e o Plano de Reabilitação do Hipercentro<sup>4</sup> (2007), subprojeto do Centro Vivo.

A proposta de revitalizar e dar um novo uso para o Cine Brasil foi, portanto, fruto de uma parceria público-privada no contexto das intervenções do Programa Centro Vivo, sendo utilizado como uma estratégia corroborativa para o resgate simbólico do centro tradicional da cidade. Uma nova postura foi adotada com relação ao espaço público para evitar propostas que pudessem conflitar com os usos locais, demonstrando a preocupação do poder municipal com a enorme diversidade social presente na região. Assim, o resgate do valor simbólico da localidade visava promover a ocupação do espaço público a partir da recuperação de diversos setores relacionados à vida urbana (JAYME; TREVISAN,

---

<sup>3</sup> Tal ação, lançada através do Ministério das Cidades, foi responsável pela destinação de verbas para diversos estados e municípios investirem na reabilitação de centros urbanos.

<sup>4</sup> Hipercentro é uma denominação que se refere à região central delimitada pela Lei de Uso e Ocupação do Solo de Belo Horizonte. Passou a ser sinônimo de Centro, nomenclatura adotada neste trabalho.

2012). Novas práticas sociais seriam fomentadas para transformar a realidade socioeconômica local, valorizando a diversidade das atividades e ressignificando os espaços coletivos para promover a inclusão social da população.

Além disso, um dos eixos estruturadores do programa foi a cultura e, logo, as políticas de patrimônio<sup>5</sup>, no intuito de resgatar a estética do passado como forma de valorizar a paisagem urbana através da preservação do patrimônio edificado e dos espaços públicos (MOREIRA, 2009).

Ademais da requalificação da Praça Sete, os espaços de encontro, de lazer e de ócio da região foram ampliados, entre 2005 e 2006, com as reformas dos quatro quarteirões de seu entorno, importantes áreas de permanência da área central que foram fechadas na década de 1970 para uso peatonal e tombados pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural Municipal em 1994, juntamente com o Conjunto Urbano da Avenida Afonso Pena, que inclui a Praça Sete. Esses foram remodelados e receberam mudanças significativas nas calçadas, no tratamento paisagístico e no mobiliário urbano<sup>6</sup>.

Assim, para capturar a percepção das pessoas que transitam e ocupam essa porção da cidade, foram analisados esses quatro trechos revitalizados a fim de levantar as diferenças socioespaciais entre os locais observando, especialmente, o quarteirão onde situa-se nosso objeto de estudo, já que os demais não apresentam alterações em suas dinâmicas em função do novo espaço cultural. As apropriações populares consolidadas seguem da mesma forma no dia a dia e à noite, nos dias de funcionamento do Cine, a movimentação não reverbera em tais locais. Já não há muita gente circulando ou presente no espaço público e, portanto, a ocupação breve e pontual devido à programação predominantemente noturna da casa ocorre somente no entorno imediato do próprio edifício.

A pesquisa de campo foi desenvolvida durante os meses de novembro de 2018 e entre abril e junho de 2019 através de uma observação participante, com visitas regulares

---

<sup>5</sup> A discussão a respeito do conceito de patrimônio surgiu no século XIX para produzir uma identidade histórica e preservar a memória das nações. No Brasil, a necessidade de proteção se deu na década de 1930 com a criação do SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A partir dos anos 1970 a noção antropológica de cultura é adotada e o patrimônio sai dos âmbitos artístico e histórico e entra no âmbito cultural, ampliando seu conteúdo e evoluindo nesse sentido (MOREIRA, 2009).

<sup>6</sup> Foram executadas ações de alargamento e recuperação de calçadas, instalação de faixas elevadas nos cruzamentos, melhorias na iluminação, no mobiliário urbano, no paisagismo e no sistema de drenagem, além da revitalização de fachadas de edifícios históricos, entre outras ações.



ao Cine Brasil e seu entorno em distintos horários, tanto em dias úteis quanto nos finais de semana, quando um novo cenário se estabelece e a intensa movimentação cotidiana dá lugar a uma ocupação mais permanente na região, relacionada ao lazer de alguns grupos. Após múltiplas conversas informais para melhor apreensão do contexto investigado, 24 entrevistas semiestruturadas (com um roteiro pré-estabelecido) foram realizadas, as quais serviram de base para a interpretação das representações que vêm sendo criadas em torno do novo equipamento cultural e da área central após as últimas revitalizações.

Os entrevistados, eleitos de forma aleatória, foram divididos em dois grupos: (1) os atores cotidianos locais – comerciantes, trabalhadores informais, transeuntes – e (2) o público frequentador do equipamento cultural. Através das narrativas obtidas foram identificadas algumas referências (ou elementos indicativos de tais referências) comuns entre pessoas de um mesmo grupo e divergentes entre eles, nos permitindo realizar interpretações sobre os sujeitos e levantar as percepções de cada grupo.

Além da cena diurna habitual pesquisada, duas ocasiões relacionadas à programação noturna do espaço cultural, uma gratuita e outra paga, foram investigadas para apreensão das opiniões dos frequentadores do Cine. Com isso, foi possível evidenciar as dinâmicas dos usuários nas situações mencionadas e no próprio cotidiano local, assim como seus respectivos modos de estar no espaço público.

A primeira ocasião refere-se ao projeto musical gratuito intitulado *Na Varanda*, que ocorre todas as quintas-feiras na varanda lateral e externa do prédio. Tal ação se direciona para o público que circula ou trabalha no Centro, já que os shows ocorrem entre 18h e 19h, horário de intenso movimento na região, quando grande parte das pessoas estão saindo do trabalho. A segunda situação refere-se à programação paga dos finais de semana, quando há espetáculos nos dois teatros da casa – Grande Theatro e Teatro de Câmara – e cujos preços praticados são relativamente altos, o que nos faz acreditar que um público de maior poder aquisitivo estaria sendo atraído para a região por causa dessa oferta cultural.

Os grupos sociais identificados no cotidiano local, ou seja, aqueles que ocupam ou transitam nos arredores do Cine, serão descritos a seguir na tentativa de explicitar a variedade de identidades e apropriações observadas, assim como as principais dinâmicas produzidas nos quatro trechos investigados: como as pessoas se apropriam do mobiliário urbano, como ocorrem as interações sociais, como se dá a movimentação local. Após essa



construção, serão apontadas as dinâmicas relacionadas à programação noturna do Cine para, então, levantarmos as percepções dos dois grupos de entrevistados – usuários locais e do Cine – e interpretarmos como a reabertura do Cine e seu entorno revitalizado repercutem no imaginário social: se causaram (ou não) algum tipo de transformação nos usos cotidianos, se houve algum tipo de mudança isolada (no trecho do novo equipamento cultural) ou, ainda, se há novos atores e como estes estariam interagindo com os demais sujeitos sociais do espaço urbano em questão.

### **Representações contemporâneas: ressignificação do espaço público (?)**

Durante os dias úteis, os quatro quarteirões do entorno do Cine apresentam um grande fluxo de veículos e pedestres e forte presença de distintas tipologias comerciais e ocupações sociais, gerando um local bastante dinâmico. Há lanchonetes, bares/restaurantes, bancos, óticas, lojas populares (chaveiros, relojarias, lojas de roupas e acessórios femininos etc.), copiadoras, bancas de revista, farmácias, pontos de ônibus e de táxis etc. Os apelos sonoros e visuais utilizados para atrair consumidores são bastante característicos da região.

A informalidade também se destaca no espaço como uma prática cotidiana de vários grupos. Vendedores ambulantes comercializam os mais variados tipos de produtos: comida, acessórios para celular, bijuterias, artesanato, entre outras coisas. Há também, ocupando ou circulando pela região, pipoqueiros, hippies, artesãos, engraxates, vendedores de bilhetes de loteria, artistas de rua (mágicos, malabaristas e palhaços), religiosos (pregadores da Bíblia), desempregados, manifestantes políticos etc. Nota-se a presença constante de policiais na região. Idosos e aposentados mantêm a tradição dos jogos de dama e xadrez em alguns trechos, além do imenso contingente de pessoas de todas as idades que transitam diariamente pela localidade. O estilo arquitetônico das edificações nos remete ao passado e alguns prédios ainda mantêm suas atividades primárias, como hotéis, cafés tradicionais e o próprio Cine Brasil, que continua sendo um importante local de lazer na cidade, apesar de sua mudança de uso.

Muitas pessoas em situação de rua são vistas, seja em trânsito ou instaladas no espaço público – embaixo das marquises dos prédios ou do mobiliário urbano de alguns trechos –, algumas usuárias de droga, conforme relatos de comerciantes locais, o que vem

contribuindo com o estigma de lugar marginalizado que caracteriza a região, não só para os estratos mais altos da população. Esse cenário de pobreza é relacionado, para os trabalhadores e transeuntes, aos pequenos furtos recorrentes e ao perigo de circular pelos arredores da Praça Sete após o fechamento do comércio à noite.

Nas entrevistas realizadas com atores locais, como comerciantes e ambulantes, é recorrente a menção à falta de segurança, que muitos atribuem à forte presença de “marginais” e “drogados” que ocupam as calçadas e prejudicam o comércio. Conforme aponta Frúgoli Jr. (1995) em estudo realizado na capital paulista sobre o bairro da Luz, tais grupos marginalizados poderiam consolidar representações urbanas, o que faz com que determinadas regiões se tornem, para muitos, o retrato do perigo e da criminalidade. Essas percepções negativas e capturadas no cotidiano da Praça Sete podem ser compreendidas através de algumas falas: “O Centro acabou! São dez da manhã e não tem quase ninguém aqui, ninguém consome mais. E quando dá oito horas da noite não tem mais nada na região, ninguém fica aqui, é muito perigoso!” (Tadeu, comerciante, 70 anos). “O Centro acabou, é um lixo, esses quarteirões viraram moradia de mendigo, só tem morador de rua.” (Anderson, engraxate, 45 anos). “O Centro mudou muito, tem muita gente, barulho, roubo. Tudo vende aqui nessa praça, tem de tudo, muito perigoso.” (Magda, vendedora ambulante, 58 anos).

Apesar das diversas intervenções realizadas no Centro nas últimas décadas, assim como a própria restauração e reabertura do Cine, as pessoas que transitam ou trabalham na região não identificam mudanças positivas, inclusive comentam que o cenário piorou. Alguns entrevistados tendem a estabelecer conexões entre o cenário atual e o passado, seja mais recente, apontando para a atual crise econômica, ou mais longínquo, quando o Centro não se caracterizava como um local deteriorado (em termos socioespaciais). A maioria associa o aumento da insegurança à requalificação dos quatro quarteirões. Para eles os equipamentos e mobiliário urbano instalados geraram uma maior possibilidade de permanência nos arredores da Praça Sete, fato que aumentou de forma considerável o número de mendigos e moradores de rua na localidade. Esses, ao ocuparem esses lugares por mais tempo e estando associados à criminalidade são, também, atrelados ao enfraquecimento do comércio na região.

Sobre o Cine Brasil, nota-se que a importância do local é reconhecida por muitos desses atores e foi constatada nos inúmeros discursos que relembram os tempos em que

longas filas se formavam na porta do prédio. Lembranças dos encontros que ali ocorriam também foram citadas, assim como os passeios pela região central da cidade. Até mesmo os mais jovens estimam o local e relatam que as pessoas mais velhas contam histórias maravilhosas sobre o antigo cinema de rua.

Porém, surge um paradoxo, pois quando questionados sobre a fase atual do Cine e as (possíveis) transformações acarretadas em seu entorno, a maioria diz que nada mudou, pois, o prédio só abre à noite, quando o comércio já se encontra fechado e não há mais transeuntes na região. Este cenário, retratado na fala a seguir, difere dos tempos em que o antigo Cine funcionava de dia e se interligava às dinâmicas sociais da região, de forma geral: “Não adiantou nada o prédio abrir de novo. Ele só funciona tarde da noite, não tem mais ninguém aqui no Centro, e mesmo se o comércio estivesse aberto, o público de lá não compra da gente. Antigamente que era bom...” (Luiz, comerciante, 73 anos).

Sobre o cenário noturno e as distintas situações acompanhadas para análise das percepções do público do novo espaço cultural, percebe-se que todas as quintas-feiras há uma certa alteração na dinâmica dos arredores do Cine Brasil (com relação aos demais dias úteis), já que a permanência local se estende por causa do projeto gratuito *Na Varanda*, que ocorre entre 18h e 19h. Este evento foi acompanhado com maior regularidade entre os meses de abril e junho do presente ano, quando foram realizadas a maioria das entrevistas.

Antes de começar a apresentação dos músicos na varanda externa do prédio, voltada para o quarteirão fechado da Rua dos Carijós, o bar em frente já se encontra lotado, inclusive com mais mesas neste dia. Conforme um dos funcionários, é o dia da semana de maior movimento. Em contraponto, no Café Cine Brasil, lugar mais refinado se comparado aos demais estabelecimentos do quarteirão e situado abaixo da varanda, no próprio prédio do Cine, a frequência não altera. A responsável, Érica Diniz, diz que o movimento não está atrelado ao público noturno da casa, como comprovado nas visitas realizadas. A maior movimentação se dá de dia, quando funcionários de bancos e empresas da região almoçam e lancham. Nem mesmo os espetáculos dos finais de semana alteram a dinâmica do local. Poucas pessoas consomem antes dos eventos pois, ao chegarem, entram diretamente no edifício e, geralmente, após os espetáculos, o Café já se encontra fechado.

O público do bar é composto por pessoas de todas as idades e que, em sua maioria, fazem parte do cotidiano do Centro – moradores da região, trabalhadores, comerciantes, transeuntes etc. Há casais, grupos de amigos do trabalho, aposentados etc. Alguns frequentam o local semanalmente por causa dos shows. Muitos vão após o expediente, sozinhos ou em grupo, para distrair antes de retornarem para a casa. Há também os que, de passagem, são pegos de surpresa e param somente para observar a animação do lugar. Outros, ao perceberem o intenso movimento, as luzes e os músicos na varanda, ou seja, uma cena distinta da usual, vão se acomodando nos bancos ou em pé, próximos à banca de revistas e na porta do bar, permanecendo à espera do show. Um pequeno aglomerado se forma atraindo, assim, mais curiosos. A ocupação é, portanto, mais concentrada todas as quintas, distinguindo-se dos demais quarteirões, nos quais não há alteração em suas dinâmicas por causa deste evento.

Já nos finais de semana, a movimentação de pedestres na região da Praça Sete está mais relacionada aos momentos de ócio e lazer, principalmente no fim de tarde e à noite. Logo, há menos gente circulando, mas a permanência no espaço público se dá de forma mais prolongada, tanto nos bares e restaurantes quanto na apropriação do mobiliário urbano dos quatro trechos observados, cada um com suas próprias especificidades, assim como ocorre nos dias de semana.

A maior parte dos espetáculos oferecidos pelo Cine são noturnos, como já dito, e ocorrem de sexta a domingo. Quando o espetáculo em cartaz é no Grande Teatro, o acesso é feito pela entrada principal, voltada para a Praça Sete. As portas se abrem somente com uma hora de antecedência e, a partir de então, começa uma pequena movimentação em frente ao edifício envolvendo, além do público da casa, ambulantes (vendedores de balas, bebidas etc.), pipoqueiros, policiais, pessoas em situação de rua etc. Pode-se dizer também, quanto à presença destes últimos na região, que houve um aumento significativo desde o início da pesquisa de campo (nov. 2018) até seu fim (jun. 2019).

Em geral, o público chega pouco tempo antes do início da apresentação (cerca de 30 minutos) e permanece na rua, em frente à entrada principal do Cine, conversando, esperando alguém ou consumindo produtos dos ambulantes (pipoca, água, balas). Muitos chegam em cima da hora e entram imediatamente no prédio, onde aguardam o início do espetáculo no *foyer* ou no café interno. A permanência na rua após o evento é ainda

menor. Prontamente o público se dispersa tomando seus táxis, na maioria dos casos. A ocupação no espaço público é, portanto, pontual e circunstancial, em horários que dependem da programação.

Quando os espetáculos ocorrem no Teatro de Câmara, cujo acesso é feito pelas laterais do prédio – Avenida Amazonas e Rua dos Carijós –, a entrada principal permanece fechada, não havendo alteração expressiva no local. O público que chega logo entra no edifício, onde aguarda no espaço interno para entrar no teatro. Praticamente não há interação com o entorno.

Nas entrevistas e nas observações realizadas nesses dias, constatou-se um público diversificado em termos de gênero e faixa etária, o que condiz com o perfil dos consumidores de cultura no Brasil, de acordo com a pesquisa da JLeiva (2018)<sup>7</sup>. No quesito escolaridade, o público identificado é mais homogêneo. Grande parte dos entrevistados tinha curso superior (muitos com Pós-graduação), o que se distingue dos resultados nacionais – somente 11% possui Superior completo e 4% Pós-graduação. O local de moradia também indica que os usuários entrevistados são, em sua maioria, pessoas das camadas médias da população, diferentemente do público que assiste aos shows musicais gratuitos às quintas-feiras. A maioria frequenta o espaço cultural com certa regularidade, entre 4 a 5 vezes por ano. Se considerarmos que tal público também consome outras atividades culturais, como muitos disseram, os resultados vão de encontro com os dados de JLeiva para Belo Horizonte. A capital mineira apresentou os maiores níveis de acesso à cultura (música, feiras de artesanato, museus, teatro e concertos) – 59% das pessoas possui um média anual de frequência entre 3 a 8 vezes por ano. O público do Cine se informa a respeito da programação através de redes sociais (Facebook e Instagram) e vão excepcionalmente para o evento. Ao chegarem na região, dirigem-se diretamente para o prédio, permanecendo pouco tempo no espaço público, tanto antes como depois dos espetáculos. Quando questionados sobre as atividades oferecidas pela casa, dizem não saber se existe algo além dos shows e teatros que costumam ir nos finais de semana, mas tecem elogios com relação ao novo equipamento cultural, ressaltando sua importância para a cidade: “O restauro do prédio ficou show de bola! O teatro é uma

---

<sup>7</sup> A pesquisa foi produzida pela empresa JLeiva Cultura & Esporte e empreendida pelo Instituto Datafolha em doze capitais brasileiras para entender como a população vêm consumindo cultura (diversão e arte).

beleza e poder disfrutar de um espaço de cultura como esse, com tanta qualidade e em plena Praça Sete, é sensacional!”, aponta o fotógrafo Guilherme, de 29 anos.

Outras pessoas lembram do antigo cinema e trazem relatos dos tempos de namoro, remetendo à memória do lugar e ao que lhes evoca o edifício histórico enquanto um importante local de encontro: “Acho o lugar bonito, aconchegante, atraente e a atmosfera inspira cultura e emoção. Sempre que venho me remete a boas lembranças da minha adolescência” (Marcela, professora universitária, 43 anos). “Eu vinha aqui toda semana! Assisti todos os filmes do *Van Dame*, *Desejo de Matar*, *A mosca...* era super frequentadora (...) meu primeiro namoro começou aqui! Todos os encontros com meus amigos eram marcados aqui na porta do Cine” (Gabriela, assistente social, 54 anos).

Quando questionados sobre a frequência com que vão ao Centro, a maioria diz que prefere ir aos finais de semana, à lazer, e costumam frequentar também outros equipamentos culturais como o Palácio das Artes e o Sesc Palladium. Durante o dia, vão ao Mercado Central e ao Parque Municipal, quando há eventos (concertos musicais, feiras etc.). A maioria só visita essa porção da cidade durante a semana diante de alguma necessidade especial, para compras ou serviços específicos, e destacam a diversidade social presente na região: “Durante a semana não gosto de vir [ao Centro] porque acho que é muita gente, me dá dor de cabeça. Mas por outro lado a gente vê muita coisa, muito do que é a vida em um grande centro, muita diversidade” (João, profissional liberal, 35 anos). “Venho raramente durante a semana, só quando preciso resolver alguma coisa mesmo, e vejo uma diversidade de produtos e pessoas que não vejo em outros lugares. Eu gosto, acho legal” (Mário, farmacêutico, 48 anos).

Sobre o cenário recente do Centro, muitos reconhecem mudanças positivas com relação às revitalizações dos anos 2000, o que contrasta com a percepção levantada a partir das entrevistas com os comerciantes e trabalhadores locais: “Acho que alguns espaços estão sendo mais valorizados e revitalizados. E isso atrai pessoas de outras regiões, o que ajuda a recuperar a imagem do Centro” (Silas, aposentado, 72 anos).

Mudou demais! Mudou o trânsito, especialmente depois das obras pra Copa, o tipo de lojas... Sou do tempo que não existia *Shopping*, lembro da inauguração do *Shopping Cidade*. Também, de certa forma, ficou mais seguro. Me lembro que teve um tempo que não podia usar colar, boné, que roubavam. Hoje tem mais ônibus pros lugares também. Me sinto mais segura para andar em BH hoje do que há uns 20 anos, por exemplo. (Juliana, advogada, 52 anos)

E sobre a reabertura do Cine Brasil e seus efeitos no entorno, a grande maioria das pessoas enxerga melhorias e tem percepções positivas, o que também difere das opiniões de quem vivencia o dia a dia dessa porção da cidade:

Acho que essa região melhorou muito depois que o Cine abriu de novo, o prédio ficou abandonado por muito tempo e teve um medo de ser vendido pra Igreja Universal, como foi com o Acaiaca, que tinha virado igreja, e aquela danceteria que ficava embaixo do prédio JK, que também virou igreja<sup>8</sup>. Acho que foi até notícia na época. Com a reinauguração [do Cine], além de preservarem o prédio, manteve o espaço. É um local até sagrado de BH (risos). Mudou do ponto de vista da arquitetura, mas pra mim foi uma preservação muito simbólica. (Carlos, psicólogo, 60 anos)

Não frequento muito o Centro, mas acho que a reabertura do Cine trouxe, além de beleza, a sensação de que a história é valorizada, e que aqui tem locais muito interessantes. Acho que abriu um canal entre as pessoas e essa região de BH. Eu estou super aberta para conhecer outros espaços aqui do Centro. (Marcela, professora universitária, 43 anos)

As narrativas positivas de grande parte desse grupo de entrevistados nos levam a crer que o público do espaço cultural reconhece que as ações realizadas nos últimos anos valorizaram a região, tornando-a mais bonita e segura, como muitos discorrem. Porém, essa constatação é um tanto paradoxal, pois os mesmos que identificam melhorias, não vivenciam ou se apropriam do espaço público revitalizado, a não ser de forma esporádica, sem maiores interações com o entorno. Parece, inclusive, ter havido uma diminuição dos estigmas envolvendo violência e insegurança (elementos recorrentes na fala dos atores locais, cujas percepções são distintas). Entretanto, além de não permanecerem no local por muito tempo, não frequentam o cotidiano da região. Suas opiniões são construídas a partir da presença noturna e circunstancial que se dá em alguns finais de semana, e que parecem ser suficientes para se demonstrarem satisfeitos com a nova oferta cultural em ter acesso à uma oferta cultural em um edifício histórico no centro tradicional da cidade.

Podemos constatar, dessa maneira, que as representações criadas pelos entrevistados – atores cotidianos e usuários do Cine – parecem estar relacionadas às

---

<sup>8</sup> Os edifícios Acaiaca e JK são prédios históricos localizados na área central da cidade. No primeiro, funcionou o famoso cinema homônimo, enquanto no subsolo do segundo, uma antiga casa de shows das décadas de 1980/90 foi comprada pela Igreja Universal, assim como ocorreu com o cine Acaiaca.



diferentes formas de inserção socioespacial que se dá na localidade em questão. Conforme Leite,

“(...) os usos do espaço incidem sobre as formas de representação cotidiana e dos modos de vida. Essas representações, entretanto, hão de ser consideradas reflexivas: dependem das possibilidades de acesso e de uso físico ou simbólico do espaço e, inversamente, tendem a moldar as configurações sociais desses espaços, atribuindo-lhes forma e sentido.” (LEITE, 2006)

Pode-se dizer que, apesar das atrações culturais, a chegada (ou o retorno) de um certo público mais abastado não caracterizou, até o momento, uma mudança significativa na localidade. Mesmo porque não se conformou, na área em questão, um circuito cultural e de consumo interligado ao novo equipamento, e que poderia atender aos desejos dos novos usuários, proporcionando uma maior permanência destes no local, configurando novos pontos de encontro e convivência. O único espaço de sociabilidade dessas camadas médias é o próprio Cine Brasil – no que diz respeito a região da Praça Sete e seu entorno imediato –, já que não foram identificados novos estabelecimentos comerciais e/ou de lazer voltadas para o consumo desse público.

### **Apontamentos finais**

A revitalização do histórico Cine Brasil e sua consequente reabertura como um novo espaço cultural para a cidade é um caso de experiência de renovação como outros que vêm ocorrendo no Brasil e no mundo para a recuperação de centros urbanos degradados através do apelo cultural, seja para o aumento da atratividade desses locais, seja para a promoção da cidade, em termos mais amplos. Aliado ao predomínio de um tipo de gestão de tendências neoliberais, muitas parcerias público-privadas vêm sendo realizadas nesses tipos de intervenção, nos quais o Estado transfere a gestão de instituições culturais para o poder privado, que se apropria do patrimônio renovado para gerar uma nova oferta cultural – com base na lógica empresarial/mercadológica – para a classe média da população, na maioria dos casos. Nesse sentido, apesar do discurso institucional contemplar diferentes grupos sociais, apenas uma parcela da população torna-se consumidora dessas novas atrações culturais, o que pode promover (ou não) mudanças socioespaciais com o surgimento de novos usuários nesses locais e, logo, novas formas de uso e ocupação do território. Assim, as transformações ocasionadas dependerão

de como serão apropriados o espaço urbano e o patrimônio cultural pelos diferentes atores sociais em cena.

Ao investigarmos os efeitos do novo Cine Brasil no Centro revitalizado de Belo Horizonte, pode-se dizer que não foram identificadas mudanças socioespaciais relevantes na porção analisada. A nova oferta cultural promovida, predominantemente direcionada para os setores médios, como evidenciado na pesquisa, não exerceu alterações significativas no perfil do comércio nem, tampouco, na apropriação cotidiana da região. Isso ocorre, em grande medida, porque a programação do equipamento cultural é majoritariamente noturna e concentrada nos finais de semana. Assim, a frequência esporádica do público do Cine não reverbera nos usos populares já estabelecidos no espaço público. Praticamente não há interação com o entorno, já que esses novos atores vão ao Centro somente como consumidores das atrações culturais da casa, permanecendo pouco tempo nos arredores do prédio, tanto na chegada quanto após os espetáculos. Além da maioria dos eventos serem direcionadas para um público determinado, as atividades gratuitas existentes não conseguem promover a inclusão social. No caso do projeto musical mencionado, como vimos, a ação é voltada para fora do edifício. O público, dessa maneira, apesar de constituído em grande parte por atores locais, não se apropria do espaço cultural e se transforma em mero espectador, já que permanece na rua.

O fomento a uma vida urbana diversificada, como pretendido pelo poder público nas revitalizações do Centro, possibilitou a preservação do Cine Brasil, cujo resgate de seu valor simbólico foi considerado essencial para o alcance das renovações almeçadas para essa porção da cidade. A reforma do histórico edifício, que ameaçava ser demolido como outros à época, foi uma conquista para a cidade e sua nova função, um importante fator para a retomada do centro tradicional como um espaço de lazer e entretenimento para uma parcela da população.

Porém, assim como vêm ocorrendo em diversas intervenções urbanas que adotaram a cultura como estratégia de renovação, percebemos a predominância de dois grupos sociais no local, cujas representações acerca dos espaços (revitalizado e construído) se diferem, o que repercute nos modos de ocupar e perceber a localidade. Ao examinar como esses atores vêm respondendo às experiências geradas com as intervenções, é possível notar alguns elementos que compõe o imaginário dessas pessoas, e que podem ser

atrelados ao acionamento da memória e da história que esses projetos realizam ao se vincularem a valores simbólicos.

Como mostram os resultados da pesquisa, há um grupo composto pelas camadas populares (usuários locais), que vivenciam o cotidiano da região, não conformam o público do Cine (em geral, parecem não se importar com a reinauguração do prédio) e possuem uma visão mais negativa sobre as mudanças/intervenções do Centro; e outro constituído pelas camadas médias (novos usuários), que chega ao Centro ou retorna com uma certa nostalgia e romantismo a respeito de um passado mais longínquo e com uma visão mais otimista sobre as transformações recentes da área. Em outras palavras, as representações criadas na contemporaneidade repercutem nos usos estabelecidos no espaço urbano e dependem da leitura (positiva ou negativa) que os usuários realizam sobre determinados lugares. Fato este interligado ao legado afetivo que locais como o Cine Brasil possuem para grande parte da população.

As representações passadas criadas por antigos edifícios históricos são responsáveis pela conformação de um imaginário afetivo do lugar, que dão suporte para que as percepções contemporâneas sejam positivas para aqueles que compõe o novo público desses espaços. No caso de Belo Horizonte, por exemplo, até mesmo os estigmas criados em torno da área central – em seus anos de relativo abandono e deterioração – parecem ter sido minimizados depois das revitalizações do Cine e do Centro, desconstruindo as representações majoritariamente negativas que o local possuía para parcela da população.

Ademais, ao interligar instituições culturais à memória da cidade, reforça-se a centralidade urbana onde o edifício está inserido, o que contribui para a reocupação/renovação desses territórios através do resgate do valor de uso do espaço público. Mesmo que a ocupação das camadas mais abastadas seja esporádica e pontual, os investimentos realizados nas áreas revitalizadas são reconhecidos de maneira positiva.

Por outro lado, a maioria dos atores locais não usufruem do novo equipamento cultural, nem tampouco reconhecem melhorias atreladas às revitalizações, seja no comércio, na segurança ou na qualidade ambiental, lhes restando apenas a apropriação cotidiana do espaço urbano. A memória que se pretende resgatar com a renovação do patrimônio cultural não é reconhecida nem incorporada por quem vivencia o espaço de forma habitual, cujos vínculos estabelecidos parecem ser outros.

Desse modo, é possível afirmar que, até o presente momento, não se pode atribuir à renovação do Cine Brasil uma gentrificação do espaço urbano, perigo sempre presente nesses tipos de intervenções urbanas. Entretanto, também não podemos dizer que o local vem promovendo um processo de inclusão social e de democratização da cultura. Apesar de sua localização privilegiada, numa importante centralidade para a metrópole, seu público, com poucas exceções, continua sendo limitado aos tradicionais consumidores de atividades culturais. Torna-se necessário, assim, que continuemos a refletir sobre como as políticas culturais poderiam, de fato, abarcar os diferentes grupos para o alcance da desejada valorização da diversidade social em nossos centros urbanos.

### Referências

BIDOU-ZACHARIANSEN, C. Introdução. “In”: BIDOU-ZACHARIANSEN, C.; HIERNAUX-NICOLAS, D.; RIVIÈRE D’ARC, H. (org.). *De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 21-57.

CORTE-REAL, Madalena. Revitalizar como e para quem no contexto das intervenções territoriais na cidade interior – o estudo de caso da Mouraria. *Cahier*. 2015; n. 4: p. 83-99, out. 2015.

FRÚGOLI JR., H. *São Paulo: Espaços públicos e interação social*. São Paulo: Marco Zero, 1995.

JAYME, Juliana. TREVISAN, Eveline. Intervenções urbanas, usos e ocupações de espaços na região central de Belo Horizonte. *Civitas*. 2012; vol. 12, n. 2: p. 359-377, maio/ago. 2012.

LEIVA, João; MEIRELES, Ricardo (org.). *Cultura nas capitais: como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte*. Rio de Janeiro: 17Street Produção Editorial, 2018.

LEITE, Rogério Proença. A exaustão das cidades: antienobrecimento e intervenções urbanas em cidades brasileiras e portuguesas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 2010; vol. 25, n. 72: p. 73-88, fev. 2010.

LEMONS, Celina Borges. *Antigas e novas centralidades: a experiência da cultura do consumo no centro tradicional de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2010.

MOREIRA, Corina Maria Rodrigues. Revitalização urbana e patrimônio cultural: programa Centro Vivo. “In”: AZEVEDO, Sérgio de; NABUCO, Ana Luiza (org.). *Democracia participativa: a experiência de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Leitura, 2009, p. 119-142.

RABÊLO, José Maria. *Belo Horizonte: do arraial à metrópole – 300 anos de história*. Ouro Preto: Editora Graphar, 2013.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA (SMC). Dossiê de tombamento do Cine Theatro Brasil, n. 010692019925. Belo Horizonte: PBH/SMC, 1999.

SOUZA, José M.; CARNEIRO, Ricardo. O Hipercentro de Belo Horizonte: conformação espacial e transformações recentes. *Anuário Estatístico de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: PBH, 2003.